



## «Um homem não se resume ao político. Tem muitas facetas. Procurei dar o Salazar completo»,

destaca José António Saraiva, autor de *Salazar: A queda de uma cadeira que não existia*, lançado em Junho pela Gradiva.

Provavelmente os leitores quererão saber o que tem esta obra de diferenciador face ao que está já escrito sobre Salazar e o Estado Novo. Que aspectos destacaria?

É uma aproximação completamente diferente à época:

1.º – É a História escrita de dentro para fora e não de fora para dentro, como quase sempre se faz. Muita gente olha para os factos históricos à luz dos conceitos de hoje. Falamos de colonialismo com base nas ideias de hoje. Este livro coloca-se na época, tenta percebê-la por dentro, projectá-la de dentro para fora para a mostrar aos leitores como era.

2.º – É uma verdadeira história do Estado Novo. Normalmente, as histórias do Estado Novo são histórias da oposição ao Estado Novo, das torturas da PIDE, das revoltas contra Salazar, das eleições de Delgado, do desvio do *Santa Maria*, etc. Ora esta história, tendo esses episódios, tem sobretudo uma visão sobre o próprio Estado Novo, as suas figuras, as relações entre elas, os seus conflitos, os seus projectos, as suas ambições, as suas realizações.

3.º – É uma reconstituição histórica e não uma história académica ou uma tese abstracta, para provar uma qualquer teoria. Os livros académicos podem ser muito bons, mas em geral são chatos. Ora, este procura descrever os acontecimentos com o seu colorido, explicados no contexto da época, reproduz diálogos, conversas, factos, como se o autor estivesse a assistir a eles e os relatasse, como um repórter jornalístico.

4.º – Em relação a esta época há muitos preconceitos, de esquerda e de direita. Procurei libertar-me de toda essa tralha e escrever um livro de forma livre, despreconceituosa.

**Este livro conta episódios da vida de Salazar sob um outro olhar. Refere, por exemplo, que a cadeira da qual Salazar terá caído (episódio muito badalado) nunca existiu. A preocupação com este livro foi**

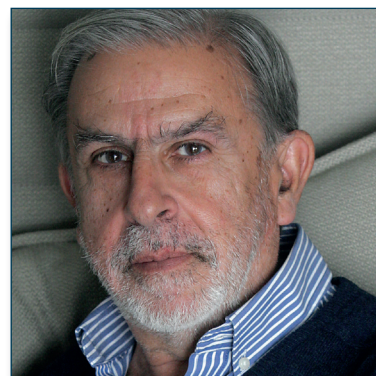
sobretudo analisar os factos de um outro prisma? Quer destacar algum elemento que o tenha surpreendido na extensa investigação que fez?

Concluí que a história «oficial» tem muitos erros. A começar por esse: Salazar não caiu de nenhuma cadeira, isso é absolutamente certo. Caiu, talvez, na banheira. Através de todas as declarações sobre o assunto, desencontradas e contraditórias, percebe-se que não houve queda da cadeira e que a cadeira nem sequer existia. Mas há outras coisas extraordinárias, como Salazar arranjar uma condecoração falsa para distinguir Christine Garnier às escondidas do MNE! Outro episódio menos conhecido é a depressão profunda que Salazar sofre a seguir à Segunda Guerra Mundial, escondendo-se de todos, não querendo receber ninguém e dizendo-se mesmo incapaz de ler um discurso.

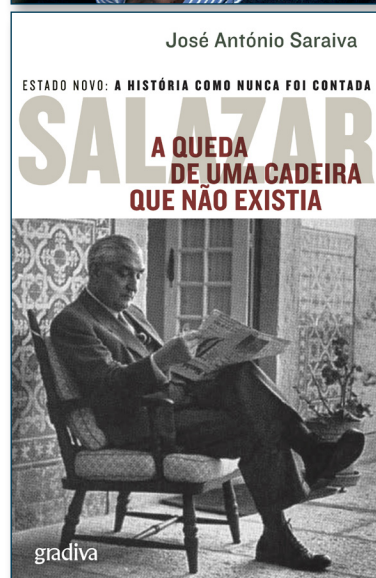
**Centra-se na vertente mais política de Salazar, e no contexto histórico, mas também na vertente pessoal e em aspectos da personalidade. E recorre a um tipo de escrita de grande proximidade com o leitor. A ideia era chegar a um leque alargado de leitores, levando-o a percorrer a obra quase como se de uma narrativa se tratasse?**

Um homem não se resume ao político. Tem muitas facetas. Procurei dar o Salazar completo, com as suas forças e fraquezas, com a enorme astúcia que revela durante a guerra, mas a fraqueza que o leva a portar-se como um colegial apaixonado na relação com Garnier, a sua última paixão. Ou a falta de frontalidade para dizer aos interlocutores o que pensa, refugiando-se num «Dizem para aí...». Ou ainda o modo como gere o pessoal do Regime, tirando com uma mão e dando com a outra.

Quanto à escrita, o facto de ter escrito romances ajuda-me a escrever História de outra maneira.



© Miguel Silva



Publicado em Junho de 2020 • 336 pp. + 16 pp. de extratexto A CORES • 15,00€

Este livro pode ler-se como um romance. É História pura, mas não parece. Por outro lado, usa-se uma linguagem despojada, limpa, para que sejam os acontecimentos e não a prosa a assumir o primeiro plano. Por vezes, a linguagem usada por alguns autores turva os acontecimentos, tira-lhes recorte, limpidez. Torna-os confusos. Esta escrita pretende servir a História. Não usa a História como pretexto para fazer enredos literários, pelo contrário, tem como objectivo valorizar os acontecimentos, reconstituindo-os no seu esplendor. Mas não tive de fazer qualquer esforço para isso, porque a minha escrita é naturalmente assim: limpa, despojada, pouco adjectivada. Outro aspecto importante é o ritmo. Na prosa, como na música, o ritmo é decisivo. Pode transportar o leitor como se o levasse nas asas ou pode exigir do leitor um esforço enorme, tornando a leitura um tormento.